

**FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO**

**LÉRIDA PATRÍCIA BRAGANÇA**

**A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA DA IGREJA**

São Paulo

2023

LÉRIDA PATRÍCIA BRAGANÇA

**A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA DA IGREJA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à FAESP – Faculdade Evangélica de São Paulo com a finalidade de obter o grau de Bacharelado em Teologia, sob a orientação da Prof. Dra. Danjone Regina Meira.

São Paulo

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Faculdade Evangélica de São Paulo - FAESP  
Biblioteca Pastor José Wellington Bezerra

---

- B797c Bragança, Lérida Patrícia.  
A contribuição da mulher na história da igreja / Lérida Patrícia Bragança. – 2023.  
39 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Faculdade Evangélica de São Paulo – FAESP,  
Unidade Belenzinho, Curso de Teologia, São Paulo, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Danjone Regina Meira.
1. Mulher. 2. História da igreja. 3. Contribuição. 4. Teológica. 5. Crescimento. I. Título.  
CDD 271
- 

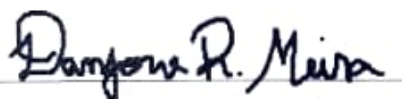
Bibliotecário Responsável: Rafael Gomes Santos CRB 8/9451

FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO - FAESP  
LÉRIDA PATRÍCIA BRAGANÇA

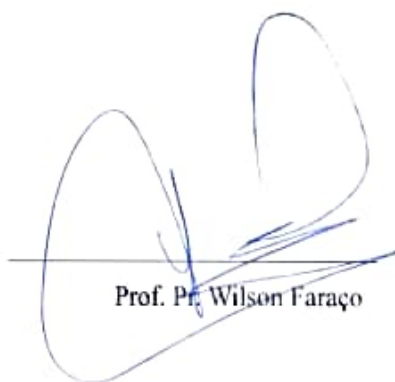
Nota: 10,0

A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA DA IGREJA

Aprovado em: 20/12/2022



Prof. Dra. Danjone Regina Meira.



Prof. Pr. Wilson Faraço

## A CONTRIBUIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA DA IGREJA

Lérida Patrícia Bragança.<sup>1</sup>

### Resumo

Esta pesquisa aborda sobre o significado da mulher à luz da teologia, especificamente, considerando os capítulos 1, 2 e 3 da obra de Gênesis. Busca-se ressaltar sobre o significado da mulher tendo como ponto de partida a formação da mulher pelo Deus Criador no sexto dia. Ressalta-se as características da mulher quando foi criada por Deus para ser ajudadora idônea do homem e da terra. Também se têm o propósito de ressaltar sobre o papel da mulher na história bíblica, primeiramente, analisando o papel da mulher na criação e, assim, posteriormente, destacando alguns exemplos de mulheres que exerceram dons, coragem, liderança e ministério na Bíblia. Alguns exemplos de destaque são: Débora, Jael, Ester e Bate-Seba. No Novo Testamento se observa alguns exemplos, tais como: Febe, Priscila, Lóide e Eunice. Com relação ao Novo Testamento se pontua a relação de Jesus com o ministério feminino e a operação de milagres na vida das mulheres. Já no cenário contemporâneo há alguns exemplos de mulheres no ministério feminino que são ressaltados neste artigo, tais como: Frida Vingren e Ruth Doris Lemos. Deste modo, se observa o ministério feminino considerando o viés bíblico, teológico, histórico e antropológico, a fim de se observar o significado da mulher, o seu papel e o seu ministério na história. Também se analisam as epístolas paulinas a fim de se refletir sobre o papel da mulher no ministério da igreja. Deste modo, um dos objetivos é refletir sobre o sentido do ministério feminino para o apóstolo Paulo e o período apostólico, bem como, o sentido do ministério feminino na atualidade. Portanto, este artigo busca por meio de reflexão teológica ressaltar algumas características importantes da contribuição da mulher na história da igreja.

**Palavras-chave:** Mulher. Contribuição. Papel. História da Igreja. Teologia.

### Abstract

This research presents the meaning of women in the light of theology, specifically, considering chapters 1, 2 and 3 of Genesis. It seeks to highlight the meaning of women having as a starting point the formation of women by the Creator God on the sixth day. The characteristics of woman are highlighted when she was created by God to be a suitable helper for man and the earth. It also has the purpose of highlighting the role of women in biblical history, firstly, analyzing the role of women in creation and, thus, later, highlighting some examples of women who exercised gifts, courage, leadership and ministry in the Bible. Some prominent examples are: Deborah, Jael, Esther and Bathsheba. In the New Testament, some examples are observed, such as: Phoebe, Priscila, Lois and Eunice. With regard to the New Testament, Jesus' relationship with the female ministry and the operation of miracles in women's lives is highlighted. In the contemporary scenario, there are some examples of women in women's

<sup>1</sup> Graduanda em Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo (FAESP).

ministry that are highlighted in this article, such as: Frida Vingren and Ruth Doris Lemos. In this way, the feminine ministry is observed considering the biblical, theological, historical and anthropological bias, in order to observe the meaning of the woman, her role and her ministry in history. The Pauline epistles are also analyzed in order to reflect on the role of women in the ministry of the church. Thus, one of the objectives is to reflect on the meaning of the female ministry for the Apostle Paul and the apostolic period, as well as the meaning of the female ministry today. Therefore, this article seeks, through theological reflection, to highlight some important characteristics of the contribution of women in the history of the church.

**Keywords:** Woman. Contribution. Paper. Church History. Theology.

## INTRODUÇÃO

Um dos principais questionamentos vistos na sociedade atual é o crescimento da influência da mulher em várias áreas e profissões. Empresas, universidades, política, em todos estes âmbitos, evidencia-se a presença feminina de forma marcante. Neste cenário, há mulheres fortes e dedicadas, que se desenvolveram profissionalmente, ocupando na atualidade cargos, outrora, liderados pelo gênero masculino. No contexto secular, tal atitude também influencia o contexto eclesiástico.

Cabe mencionar que a atuação da mulher no ministério presente nos registros bíblicos ainda necessita de estudos e análises mais específicas no âmbito teológico. Neste sentido, embora, se ressalte a atuação da mulher como "adjutora" nos ministérios de Jesus e do apóstolo Paulo, atualmente, se observa um grande crescimento de mulheres com extrema atuação no contexto eclesiástico para além do papel de adjutora. Em muitas situações, além das mulheres atuarem no ministério de ensino e pregação, também lideram comunidade de mulheres e igrejas ao lado de seus esposos, assim como, há a liderança feminina de forma individual.

Contudo, ainda há, em certa medida, uma resistência de aceitação da atuação feminina ministerial por líderes das igrejas brasileiras. Conforme esta pesquisa, ressalta-se que há autores que interpretam a visão teológica de Paulo sobre a autoridade e liderança no ministério restrita somente ao homem. Neste sentido, as regras ditas pelo apóstolo Paulo apresentam a ênfase de que apenas o homem tem a autoridade para exercer a liderança no ministério cristão.

Ao se realizar uma análise histórica e teológica das Escrituras e ao se observar o atual cenário social e profissional, verifica-se o crescimento do desenvolvimento do gênero feminino à frente de lideranças em vários contextos. Dessa forma, ressalta-se quão longa poderá ser tal discussão acerca da liderança feminina no ministério, e os benefícios que esta discussão poderá trazer ao contexto eclesiástico.

Com o intuito de analisar através da história e das Escrituras qual tem sido o real papel da mulher na obra de Deus e como ela tem exercido o seu papel na igreja da atualidade, este trabalho apresenta os seguintes objetivos: busca verificar quais os principais desafios enfrentados no ministério feminino no decorrer da história e tem o propósito de realizar uma análise sobre o posicionamento do apóstolo Paulo ao não permitir que mulheres falassem, com a finalidade de analisar se tal regra deve servir para os dias atuais ou se estava relacionada ao contexto cultural e tradição daqueles tempos.

Para tanto, é importante também se analisar sobre qual é a extensão do ministério feminino na igreja de acordo com as Escrituras, o objetivo da diversidade de ministérios entre os gêneros, assim como, ressaltar como a igreja da atualidade interpreta a liderança ministerial feminina.

Concomitantemente, realiza-se um estudo sobre as principais mulheres da Bíblia e da história, que com galhardia em suas atividades alteraram destinos de povos. Também, se faz necessário se observar algumas características da consideração e do papel feminino no contexto judaico. Haja vista, que o contexto judaico também norteou a tradição cristã no que tange a limitação das atividades femininas nas igrejas até os dias de hoje. Desse modo, neste artigo se buscará considerar algumas características da história, percorrendo a história judaica, cristã e a história contemporânea. Por meio de uma análise teológica, antropológica e histórica se busca ressaltar a participação ativa e a contribuição de grandes mulheres nos trabalhos eclesiásticos em um contexto mais atual. Cabe mencionar que tal atuação do papel da mulher, ao longo da história, também contribuiu para o avanço da liderança feminina nos dias de hoje.

Neste sentido, considera-se que os autores Robert D. Culver, Antonieta Rosa, Ruth A. Tucker, Marília Cesar, Anne Soupa e Kathleen Nielson trazem o tema acerca da liderança feminina em suas obras, desenvolvendo discussões importantes sobre o papel da mulher na história, bem como, relatando as suas experiências como líderes a fim de incentivarem outras mulheres a continuarem empregando as suas habilidades ministeriais. Dessa forma, tal pesquisa visa apresentar a importância de uma união entre homens e mulheres em prol do Reino de Deus, entendendo as determinadas funções específicas entre os gêneros, mas, também ressaltando a compreensão e valorização da igualdade de valor diante de Deus.

## 1. A criação da mulher

A palavra "mulher" tem origem no hebraico *ishshah*, sendo o feminino de *ish*. Ressalta-se que esta palavra é derivada da raiz *`n-sh*, tendo o significado de "macia, delicada". De

acordo com Champlin (2014) a melhor definição para tal termo é fêmea. Tal palavra é usada comumente no Antigo Testamento, tendo também a sua forma plural *nashim*. Podendo-se encontrar, aproximadamente, setecentas menções. Porém, cabe mencionar que o termo hebraico *nqeba* também significa fêmea e é associado à descrição psicológica da característica sexual, ou seja, de *naqab*, que significa “perfurar”.

Dessa forma, o dicionário bíblico Wicliffe, pontua que apesar da palavra *ishshah* ser similar a *ish*, pode-se notar um contraste intencional, já que *ish* vem da raiz *'y-sh*, significando “ser forte!” Referindo-se a este sentido da mulher, no Novo Testamento, apresentado no idioma grego *koiné*, o vocábulo *guné*, aparece duzentas e doze vezes. Pontua Champlin (2014), que quando Deus criou o homem, neste caso, “adam”, não havia a distinção de sexo.

Soupa (2019) corrobora com esta narrativa, visto que, para a autora, o termo hebraico *ha'adam* que é traduzido pela palavra homem, é designado para o humano em geral, ou seja, a criação precede a divisão entre macho e fêmea. Ao considerar as diversas traduções da Bíblia, a autora salienta que muitas não tiveram o cuidado de marcar a distinção entre “homem, masculino e humanidade”, causando, então, muitas situações prejudiciais às mulheres no decorrer da história.

Cabe mencionar que a Bíblia designa o homem como cabeça baseando-se na ordem da criação, já que a mulher foi criada a partir do homem, mas, não por questão de superioridade. Neste sentido, Pfiffer, Ros e Rea (2013), comparam tal questão com a ordem da Trindade, ressaltando a diferença da mulher em suas funções e não como posição de inferioridade em face do homem.

Por exemplo, observando-se as Escrituras, pontua-se que a narrativa de Gênesis 2.18, registra que a mulher foi criada para ser ajudadora, auxiliadora, companheira, como correspondente ao homem. Assim sendo, entende-se que ela é o complemento do homem: “Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (BÍBLIA SAGRADA, ARC, 2013).

Semelhantemente, o mesmo texto traduzido pela Bíblia Jerusalém, enfatiza: “Iahvweh Deus disse: não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda”. Deste modo, ressalta-se que a palavra “auxiliadora” vem do termo masculino hebraico *ezer*, e pode ser traduzida de duas formas: “auxílio, ajuda” e significa “uma pessoa, uma auxiliar” (DELLAZARI, 2007). Sendo assim, o termo עֵזֶר כְּנֶגְדּוֹ que se refere a *ezer kenegdo*, pode ser traduzido como ajudadora idônea ou que lhe corresponda.



De fato, em todo o Antigo Testamento, essa palavra é usada para descrever Deus, na medida em que ele ajuda seu povo. [...] A ajudadora que Deus deu a Adão era uma extensão da ajuda do próprio Deus, pois ele cria a mulher e a leva até Adão. A ajudadora é o modo como Deus torna o “não bom” em “muito bom”. A ajudadora é ponto mais alto, o ápice da finalização por Deus na história da criação. Esse papel de auxiliadora que a mulher tem é um chamado elevado: algo por meio do qual ela reflete a imagem de Deus, seu Criador, e por meio do qual ela serve a Deus ao andar conforme sua palavra (NIELSON, 2018, p.49).

Nota-se que, para Dellazari (2007), esse substantivo masculino enfatiza a ideia de ajuda. Sendo assim, em Gn. 2:18, Deus apresenta Eva como ajudadora. O autor ressalta, de forma clara, que a solidão vivida pelo homem demonstra que ele não foi criado para ser sozinho, demonstrando, inclusive, a necessidade de diálogo e relação na criação dos animais. Os animais deveriam ser cuidados pelo “Adam” como o jardineiro da criação. Deste modo, o homem não foi criado para estar isolado da criação.

Ao dar o nome dos animais, o ser humano observou e entre eles “não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse” (Gn.2,20). Neste sentido, “[...] não se acena ao fracasso de Deus, mas a uma constatação, por parte do ser humano, da diferença entre eles e os animais, ou seja, entre a natureza humana e a natureza dos animais” (DELLAZARI, 2007, p.556).

Observando-se um outro termo importante: “*kenegdo*”, ressalta-se que este termo traz a denominação “de aquele está diante de”. Para tal comprovação, o autor utiliza como exemplo a imagem do espelho, o estar diante, no sentido de relação mútua. Nesse ponto, o autor concorda com Paul Evdokimov (1986), quando este diz que: “[...] a mulher bíblicamente não é uma serva, mera auxiliar, mas um face a face: diante do filho de Deus coloca-se a filha de Deus; um completa o outro”.

Neste sentido, cabe mencionar que de acordo com Dellazari (2007) a criação da sexualidade é intrínseca. Deste modo, entende-se que Homem e Mulher correspondem cada um ao outro como partes separadas de um original comum. Assim sendo, o mais importante não é a diferença do gênero, mas a conscientização que o ser humano teve da sua própria peculiaridade.

Curver et al (1996) refere-se as diferenças entre os sexos como influência de uma cultura imposta desde a infância. Para ele, o ser humano também sofre limitação ao tentar atingir o seu potencial de servir a Deus e expandir o seu reino. Para que o ser humano supere as limitações, é necessário um ambiente social que encoraje as pessoas a realizarem o que desejam sem dificuldades de distinção de gênero, entendendo-se que Jesus, o maior líder da história, não tratou os homens de forma diferente das mulheres. Portanto, nós também não devemos fazê-lo.

Deste modo, entende-se que os autores supramencionados, interpretam a relação dos gêneros como complementaridade entre o homem e a mulher, complementaridade de um com o outro, ainda que sejam diferentes entre si. Homem e mulher foram criados por Deus, como partes separadas e não inferiores um ao outro, tendo diferentes funções com o propósito original em comum: Glorificar a Deus!

## **2. A mulher no contexto judaico**

Seguramente, um dos maiores questionamentos e debates que se enfrenta relacionado ao gênero, pode ser analisado a partir da compreensão do que é o homem e a mulher presente nas Escrituras. O apóstolo Paulo, em suas epístolas, deixa bem claro as atitudes que uma mulher deverá ter dentro das sinagogas. Por consequência, de suas falas e posicionamento, verifica-se a possível presença de uma misoginia ou possível machismo dentro do Cristianismo na interpretação das epístolas paulinas por parte de alguns autores.

Neste sentido, é importante entender o posicionamento judaico com relação ao papel da mulher na história e no ambiente religioso, assim como, compreender a origem cultural do apóstolo Paulo a fim de que se ressalte a sua visão teológica em face da questão do gênero feminino. Acerca deste assunto, Curven et al (1996) destaca a necessidade de se entender se há alguma tradição teológica que defenda que o apóstolo Paulo é a favor da limitação da liderança feminina no ministério da igreja. Caso se identifique a existência de tal tradição teológica, faz-se necessário perguntar: de onde se oriunda tal tradição e como ela foi entendida naquela época e no decorrer dos tempos?

Observando-se o contexto da tradição judaica, ressalta-se que a posição da mulher no judaísmo era, de fato, tão inferior ao homem, que muitos rabinos tinham o pensamento que elas não tinham alma. Elas não tinham nenhuma permissão ativa como parte nos cultos judaicos. De acordo com Champlin: “Em uma sinagoga judaica seria considerado como uma suprema desgraça uma mulher tomar parte ativa no culto de adoração, falando ou mesmo orando em voz alta” (CHAMPLIN, 2014, p. 394). Neste sentido, a mulher no cenário judaico, obtinha uma posição secundária ao ponto de ser considerada de forma legal como propriedade de um homem (PFEIFFER; VOS; REA, 2013).

Cesar (2021) ressalta que a Igreja Cristã reforça uma hierarquia de gênero, inserindo a mulher em segundo lugar.

Visão teológica esta, que a autora denomina de “complementarista” e, que em sua opinião, a maioria das passagens bíblicas escritas pelo apóstolo Paulo, confirmam tal visão.

Cabe mencionar, que o apóstolo Paulo fundamenta a sua compreensão teológica com o escrito de Gênesis, conforme se observa nos versículos adiante:

E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério;  
 A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade.  
 E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo. (1 Tm 1:12-14)<sup>2</sup>.  
 Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem.  
 Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. (1 Cor.11:8-9)<sup>3</sup>.

As Escrituras Sagradas deixam claro que como consequência da influência judaica na vida de Paulo, os métodos de adoração do judaísmo foram inseridos na igreja cristã, principalmente, as que sofriam influência de Paulo. Porém, apesar das restrições públicas vividas por elas, havia também uma valorização pelas suas funções:

Na prática, entretanto, na posição social da mulher era de dignidade, especialmente como uma esposa e mãe dentro do lar. O desrespeito em relação a ela era severamente punido. Ela também compartilha a vida religiosa da comunidade. As mulheres participavam das artes, como por exemplo, do canto e da dança, assim como da tecelagem habilidosa para o Tabernáculo. Elas podiam participar de negócios bem como adquirir e vender propriedades e da fabricação de linho e tendas. (PFEIFFER; VOS; REA, 2013, p.1312).

Diante deste contexto de interpretação, em que a mulher se torna inferior ao homem, Rosa (2010) defende que Deus não faz acepção de pessoas, portanto, a mulher nunca foi excluída por Ele, já que está inserida em todos os seus projetos. Não há razão para oprimi-la, já que ela foi criada a semelhança de Deus e redimida por Cristo. Embora, existisse uma subordinação da mulher ao homem na cultura judaica, para a autora, isso não foi empecilho para que Deus levantasse as líderes corajosas usadas por Ele. No contexto do Novo Testamento, ao se analisar o escrito da Epístola aos Gálatas 3:28, Paulo declara que não há diferença de raça ou gênero no âmbito espiritual. Esta realidade não é aplicada na questão eclesiástica. De acordo com Curver et al:

Os que esposam a hierarquia do domínio masculino ignoram em parte o capítulo 1 de Genesis e enfatizam a tradução de certas palavras de Genesis 2 e 3. Genesis 1:26-28 declara: Também disse Deus: Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar. Sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criaram. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra (Curver et al, 1996, p.97).

<sup>2</sup> BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/1tm/1> Acesso em 26/01/2023.

<sup>3</sup> BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/1co/11> Acesso em 26/01/2023.

A questão de gênero e hierarquia é abordada a partir de interpretações do livro Gênesis, especificamente, Gênesis, capítulos 1, 2 e 3. Deus criou o homem e a mulher no sexto dia da criação. Gênesis 1.26 ressalta como ela foi feita, à imagem e semelhança de Deus. O versículo 27 explicita que Deus criou ambos: "Homem e mulher, os criou". No versículo 28 há ainda a ênfase da bênção: Deus abençoou tanto o homem como a mulher. A partir disso, se observa: a mulher é criação de Deus, a imagem e semelhança de Deus, foi criada juntamente com o homem, e é abençoada por Deus. O versículo 28 esclarece que a bênção se refere também a uma ordem de Deus: frutificar! Multiplicar! Encher a terra! Sujeitar a terra! Dominar a natureza! Essa bênção e ordenança foi dada tanto ao homem como a mulher. Desde o versículo 28 se destaca que eles têm essa função em face da criação de Deus, como administradores da criação. Entender o lugar da mulher na criação é fundamental para se entender quem é a mulher e qual o sentido da vida segundo o Deus criador. Deste modo, se observa com base no capítulo 1. 26, 27 e 28 que a mulher é também administradora da criação juntamente com o homem.

Além disso, o versículo 31, diz que Deus afirmou que era muito bom. Mais uma característica do lugar e do significado da mulher para o Deus criador. Só apenas a criação do homem e da mulher é que o exército dos céus e a terra foram completados. A obra somente foi completada após a criação do homem e da mulher. O sentido da criação está relacionado ao sentido da vida do homem e da mulher. A mulher não é inferior ao homem, conforme se pode observar em Gênesis 1.26-31.

Em Gênesis, capítulo 2, se destaca a explicação da criação com mais alguns detalhes, tendo como foco a formação do homem e da mulher. O versículo 15 explica, primeiramente, a formação do homem, mas, isso não significa que a mulher foi criada anos depois, ou dias depois, porque, o texto de Gênesis, capítulo 1, já explana que foram criados num único dia: o dia sexto e viu Deus que era muito bom (Gn. 1.31). Mas, há uma distinção especial entre o homem, a mulher e os outros seres vivos. O homem e a mulher não foram criados *ex nihilo* (do nada). Uma distinção especial entre o homem e a mulher é o *pó da terra*. O homem foi criado diretamente de substâncias presentes no pó da terra, semelhante a argila (vide Gênesis 2.7). O homem foi formado do pó da terra. Deus soprou o fôlego de vida nas narinas do homem e, deste modo, ele foi feito alma vivente. Depois, Deus criou o jardim do Éden, conforme a sequência da narrativa, e o homem foi posto no jardim.

O versículo 15 de Gênesis 2 narra sobre a ordem específica de Deus dada primeiramente ao homem: lavrar e guardar o jardim do Éden. O versículo 16 e 17 narra sobre a proibição direta que Deus deu a Adão para não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Também narrando a consequência: certamente morrerás. A partir do versículo 18 se observa

que Deus vai criar a mulher, após ter criado o homem, posto o homem no jardim do Éden, dado as ordens para lavrar, guardar o Éden e a lei de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. No versículo 18, Deus chama a mulher de **ajudadora idônea**. Essa ajudadora idônea foi criada para quem? Para o homem. O texto do versículo 18 diz: “[...] ajudadora idônea para ele”<sup>4</sup>.

O lugar da mulher na história bíblica é importante. Neste sentido, Kochman (2005) destaca que é preciso observar o lugar da mulher dentro do Judaísmo a luz do contexto histórico, pois, nos tempos bíblicos, as mulheres eram ouvidas, respeitadas e admiradas, inclusive, algumas delas assumiram papéis de juizas e profetizas, por exemplo, a juiza e profetiza Débora na época dos juizes. Ao se observar a história bíblica e as narrativas bíblicas, nota-se que elas participavam de forma ativa dos eventos religiosos, políticos, sociais e econômicos. Entretanto, com a influência grega, foram excluídas das atividades públicas, passando a ser mais ativas dentro de seus lares. Tal situação se faz expressa nas leis judaicas e, assim, permanece no decorrer da história.

O lugar da mulher como secundário segundo o estudo realizado por Kochman se inicia, especificamente, na sociedade grega:

Mesmo que a ordem não seja exatamente a mesma - e os gregos agradeciam ao destino e os judeus, a Deus -, a semelhança é flagrante: o agradecimento grego pelo fato de “ser humano” tem seu paralelo judaico em “não ser ignorante”; “não ser bárbaro” era para os gregos tão importante quanto para os judeus agradecer por ser parte do povo de Israel; e “ser homem e não mulher” era central em ambas as culturas, onde a mulher ocupava um lugar secundário, especialmente na vida pública. (KOCHMAN, 2005, p.36).

Kochman salienta que nos tempos bíblicos, a mulher participava de forma ativa nas manifestações sociais, econômicas e religiosas, porém, em meados do sec. III ao sec. VI da era comum, denominado de Época do Talmúd, os rabinos estabeleceram regras judaicas do dia a dia, baseadas na interpretação e análise dos textos bíblicos e com influências da antiga sociedade grega. Sendo assim, a mulher passou a se afastar dos lugares públicos, inclusive os religiosos. Ela foi destituída da sua posição importante: administradora da criação e ajudadora idônea.

De acordo com Kochman:

[...] as mulheres eram definidas pelo aspecto biológico, como mães procriadoras; do ponto de vista sociológico, eram dependentes, primeiro do pai e depois do marido; e, sob o prisma psicológico, eram incapazes de dedicar-se a temas tidos sérios ou importantes, exclusivos dos homens. Portanto, a presença de uma mulher num lugar público - na rua, no mercado, nos Tribunais, nas casas de estudo, nos eventos públicos ou nos cultos religiosos -, era considerada uma ofensa à sua dignidade de mulher (KOCHMAN, 2005, p.37).

<sup>4</sup> BIBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2> Acesso em 26/01/2023.

As mulheres passaram a ser propriedades dos patriarcas e, respectivamente, dos maridos. Não sendo mais vista como ajudadora idônea para ele. Por que isto ocorreu? A cegueira espiritual e a desobediência a Deus fizeram com que o homem e a mulher passassem a seguir separados do sentido real da vida e do verdadeiro sentido do papel que o homem e a mulher ocupam na história. Tudo se inicia com a queda original e, então, todos que decidem permanecer distantes de Deus não vivem o sentido da vida. Cabe mencionar que ao se verificar as regras diante da presença feminina, principalmente, nos ambientes religiosos, pode-se observar uma grande importância do papel da mulher, inclusive, para a própria sobrevivência da nação de Israel.

Embora, alguns estivessem distantes de Deus e seguindo o caminho da desobediência, a imagem e semelhança de Deus no homem e na mulher não foi totalmente perdida e Deus continua usando a mulher conforme o seu propósito original para ela. Se observa como exemplo, a juíza Débora.

### 1.1. O papel da mulher na história bíblica: Débora

A obra de Juizes, de autoria de Samuel segundo a tradição judaica, apresenta o papel da mulher no período pré-monárquico israelita, chamado de período tribal ou período de juizes. De acordo com Brenner: “quando percebemos que onze mulheres completamente diferentes tomam parte de vários episódios (...) reconhecemos que a densidade e a variedade das mulheres que aparecem nessas páginas não são usuais.” (BRENNER [org.], 2001b, p. 31).

Débora, foi um dos grandes exemplos femininos de coragem diante de uma situação complexa referente ao povo de Israel. O termo no hebraico apresenta o significado de “abelha”. A identidade de Débora é ressaltada na Bíblia como profetisa e esposa de Lapidote, também se ressalta que ela se tornou líder nos dias dos Juizes, sendo a única mulher de destaque naqueles dias. Quando Israel abandonou a sua lealdade a Deus, Ele os entregou por 20 anos ao domínio de Jabim, rei dos cananeus. Durante esse período, Débora aconselhava o povo e muitos vinham procurá-la. Ela os atendia embaixo de uma palmeira entre Betel e o monte Efraim. Débora era profetisa, juíza e líder de Israel, pois, naquela época os juizes eram os líderes do povo de Israel.

Além disso, pode-se observar que Débora foi escolhida por Deus para ser libertadora do povo de Israel. Isso já aponta para Cristo como libertador. Débora chamou Baraque, da tribo de Naftali e disse a ele que Deus desejava que eles atacassem Sisera. Porém, Baraque só aceitou com a condição de Débora ir junto a ele. Débora confirmou sua ida, porém, destacou que a vitória não seria dele, mas, que viria pela mão de uma mulher. Porém, de acordo com Mesquita:

"se Baraque foi apenas um secretário de Débora, ou se Débora foi uma auxiliar de Baraque, não está ao nosso alcance decidir. Os dois agiram e realizaram a obra comum." (MESQUITA, 1973, p. 183). Todavia, Furst ressalta: "El pueblo açude (em busca de justiça) a uma mujer- uma persona que lãs leyes del Pentateuco marginan del gobierno político y religioso del pueblo. Sin embargo, Débora (...) gobernaba a Israel desde lós montes de Efraim." (FURST, 2007, p. 45). Entende-se que a liderança era de Débora, como juíza, profetiza e líder de Israel.

Débora invocou ao Senhor e o louvou em Ação de Graças, enfatizando a soberania de Deus sobre as nações, e a justiça de Deus diante da impiedade. (GARDNER, 2010). O diferencial dessa mulher de Deus é a sua obediência a Deus.

De acordo com Nielson, a identidade de Débora é singular:

Débora não se encaixa em algumas categorias as vezes associadas a mulheres submissas a palavra e a ordem de Deus. [...] Débora oferece um exemplo imensamente encorajador de uma mulher forte que serve ao Senhor, que respeita e exorta os líderes masculinos ao seu redor, e que, de todo o coração, abraça a obra que Deus coloca diante dela. Débora nos desafia a considerar que a existência de uma criação ordenada de homem e mulher, feitos igualmente segundo a imagem de Deus, deixa mais espaço para o crescimento e o fortalecimento de homens e mulheres mais que a maioria de nós tem o hábito de imaginar (NIELSON, 2018, p.103).

Nota-se que, Débora embora sendo de uma cultura em que o papel da mulher era secundário, ela era uma mulher dotada de inteligência e ativa. Diante de uma situação de decisão e perigo, não recuou, sendo, inclusive, companhia e incentivo a Baraque, que só seguiu adiante mediante a presença dela.

## 1.2. O papel de Jael na história

O termo hebraico "Jael" tem o significado de cabra selvagem. De acordo com Brenner: "o significado de seu nome, "cabra selvagem" (hebr. yā'ēl), indica sua audácia, que fica evidente quando ela desafia um guerreiro e o derrota." (BRENNER, 2001a, p. 109). Para Kuyper (2021) Jael era esposa de Héber, o queneu. Os queneus eram descendentes de Zípora, esposa de Moisés. Eram nômades e viviam em tendas. Quando Débora liderou os israelitas para derrotarem Sisera junto as águas de Megido, ele fugiu a pé. Não havia hostilidade entre a família de Héber e os cananeus, já que os queneus muitas vezes prestavam serviços a eles. Aparentemente, Heber vivia separado dos outros queneus e não tinha bons sentimentos com Sisera. (KUYPER, 2021)

A atitude de Jael demonstra força e decisão de guerra, pois, ela evitando a invasão de sua tenda, resolveu acolher Sisera de forma amigável, cobrindo-o com um tapete e dando-lhe

leite até que ele adormecesse. Enquanto dormia, Jael enterrou uma estaca de tenda em sua têmpora, realinhado assim a vitória dos israelitas sobre os cananeus. De acordo com Nielson:

[...] mulher que cumpriu a profecia julgadora de Deus sobre Baraque ao cravar com um martelo um grande pino de tenda na cabeça de Sisera. [...] Aos olhos de Débora, a ação de Jael fez parte da libertação do povo de Deus em relação a seus inimigos, e Jael, bendita entre as mulheres, teve a honra de uma narrativa, quadro a quadro desse evento, na canção de Débora (NIELSON, 2018, p.113)

O papel de Jael no cenário de guerra foi importante, sendo uma atitude essencial no livramento do povo de Israel diante dos cananeus. Neste sentido, Dreher ressalta que,

Por fim, vale notar que a atitude de Jael não é própria da mulher submissa ao homem. Indica muito mais a qualidade da mulher que luta, tem força e destreza para empunhar o “martelo de trabalhadores” e não titubeia em matar o soldado inimigo. Não se diferencia em nada dos guerreiros que descem ao campo de batalha. (DREHER, 1984, p. 117).

Constata-se através da atitude de Jael que, mesmo diante de sua função de cuidados com a sua casa e família, o que era comum para as mulheres da época, ela era munida de coragem e estratégia para enfrentar o inimigo. Ela usou as próprias ferramentas domiciliares para abater Sisera. A ajudadora idônea é ajudadora em tempos difíceis.

### 1.3. O papel de Ester na história

Ester vem do termo Hadassa em hebraico, ela era uma jovem judia da tribo de Benjamim. Sendo órfã de pai e mãe foi criada por seu primo Mordechai. Devido a atitude da rainha Vasti de recusa a obedecer ao rei e mostrar a sua beleza em um banquete, Vasti foi banida da casa real, sendo necessário ao rei escolher uma nova esposa que fosse virgem e bonita. Após doze meses de tratamento real, Ester foi eleita pelo rei para ocupar o posto de rainha. Ester, porém, não revelou sua origem judaica. Isso teria sido uma indicação de Mordechai. Ester é um exemplo de mulher que foi escolhida pela sua simplicidade e serenidade, não pela sua beleza. O que mais chamou a atenção em Ester foi a beleza interior dela e isso foi crucial para que ela fosse usada como libertadora do povo de Israel.

O teórico Champlin (2014) ressalta que Ester foi um instrumento de salvação dos judeus, quando estes foram ameaçados a serem destruídos pelos persas. Na narrativa bíblica, destaca-se que Ester ao ser informada por seu primo sobre os planos de Hamã, um alto oficial do rei, que intentava exterminar os judeus e persuadir o rei a assinar um decreto, ela solicitou um jejum de todos os judeus em Susã e posteriormente foi falar com o rei. Embora, o decreto não pudesse



ser revogado, o rei permitiu que os judeus se defendessem contra o massacre e, assim, eles foram salvos. A atitude de Ester foi de coragem pelo bem do povo de Israel.

Nas palavras de Kuyper (2021, p.60):

Seu valor é indiscutível. Ela arriscou a vida ao comparecer a Assuero sem ser chamada: "Se eu morrer, deixe-me morrer". Isso ainda ressoa como uma demonstração de sua coragem. Suas ações foram decisivas, realizadas com muito tato, ela era uma pessoa de caráter.

O valor de Ester como uma pessoa de beleza interior, de humildade e disposta a servir o povo de Israel foi determinante para a sobrevivência do povo de Israel. Considerando-se o exemplo de Ester, nota-se a importância da presença das mulheres diante de grandes posições nos tempos judaicos, exercendo influências positivas, como também negativas. Embora, alguns considerem a presença de mulheres de forma limitada na história judaico-cristã, a história destaca uma considerável participação, inclusive, na decisão do futuro de uma nação.

#### 1.4. O papel de Bate-Seba na história

Bate-Seba na história bíblica é apresentada como uma das esposas de Davi e mãe do rei Salomão. As decisões de Bate-Seba tiveram consequências na história, pois, ela era esposa de Urias, o heteu, antes de se casar com Davi, o rei de Israel. Mas, quem é Bate-Seba?

Conegero ressalta que,

A Bíblia diz que Bate-Seba era filha de Eliã e neta de Aifoel, o gilônita (2 Samuel 11:3; 23:34). O seu nome provavelmente significa "filha de um juramento" ou "sétima filha". Ela também é chamada no texto bíblico de Bate-Sua, que significa "filha de abundância" (1 Crônicas 3:5)<sup>5</sup>.

Bate-Seba era esposa de Urias, um soldado heteu do exército de Davi. Davi comete o pecado de adultério com Bate-Seba. Ela gerou um filho e Davi buscava esconder a gravidez, pedindo que Urias retornasse da batalha, como ele não retornou Davi ordena que o coloquem na frente da batalha (2 Samuel 11). Após a morte de Urias, Davi se casa com Bate-Seba. Porém, Deus não se agradou da ação de Davi e o profeta Natã foi enviado para profetizar, denunciando o pecado de Davi. A história bíblica narra e se observa no Salmo 51 que Davi era um homem de Deus, que pecou, mas se levantou. Davi se arrependeu do pecado cometido. O filho do adultério veio a falecer, mas, Davi e Bate-Seba tiveram mais quatro filhos: Salomão, Siméia, Sobabe e Natã (1 Crônicas 3:5).

Bate-Seba tem um papel central como a mãe do rei Salomão. Ela participou ativamente nas manobras dos eventos junto com o profeta Natã e garantiu a sucessão do trono de Davi para

<sup>5</sup> CONEGERO, Daniel. **Quem foi Bate-Seba na Bíblia?** Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-foi-bate-seba/> Acesso em 26/01/2023.

o seu filho Salomão. Bate-Seba se torna rainha mãe e Salomão se torna rei. Há cristologia na história de Bate-Seba, pois, como a mãe do rei Salomão, “Bate-Seba é mencionada no Novo Testamento ao ser incluída na genealogia de Jesus (Mateus 1:6)”<sup>6</sup>.

### 1.5. O papel de Maaca na história

Maaca é também chamada de Maacá ou Micaia. Ela foi uma rainha judia, casou-se com o rei Roboão, de Judá, e foi mãe do rei Abias de Judá.

O Easton's Bible Dictionary interpreta esta contradição considerando que “filha de Absalão” significa “neta de Absalão” (pois, na Bíblia, é comum usar a mesma palavra para filha e neta), e que Micaia e Maaca são variações do mesmo nome. Ela seria, portanto, filha de Uriel de Gibeá com Tamar, filha de Absalão. Absalão teve três filhos e uma filha muito bela, de nome Tamar, nome de sua irmã; Maaca era o nome da mãe de Absalão.<sup>7</sup>

Além de ser mãe de Abias, Maaca teve os filhos: Atai, Zira e Selomite. Ela foi rainha-mãe durante o reinado de Abias, mas quando o seu neto, o rei Asa, se tornou rei, ele a retirou a da função de rainha-mãe devido a idolatria praticada por ela. Deste modo, ela foi destituída do trono por exercer uma influência negativa sobre o reino.

## 2. A mulher no contexto cristão

Champlin (2014) pontua que Eva desempenhou um papel na queda do gênero humano por causa do pecado. Este papel de Eva e a sua desobediência introduz um importante capítulo nos ensinamentos do Antigo Testamento. No cenário do Antigo Testamento, a mulher a partir da queda original está com a imagem e semelhança de Deus corrompida devido ao pecado. No entanto, conforme Champlin, no Novo Testamento surge algo novo na história por meio de Jesus Cristo: a mulher é redimida no Novo Testamento. Sobre o pecado de Eva que retrata a corrupção da mulher no Antigo Testamento, o apóstolo Paulo diz que: “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (1 Timóteo 2:14)<sup>8</sup>. A mulher caiu em transgressão, se deixou enganar quando a dúvida foi apresentada para ela pela serpente.

<sup>6</sup> CONEGERO, Daniel. **Quem foi Bate-Seba na Bíblia?** Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-foi-bate-seba/> Acesso em 26/01/2023.

<sup>7</sup> WIKIPEDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Micaia#:~:text=Micaia%2C%20Maac%C3%A1%20ou%20Maaca%20foi,a%20sua%20esposa%20mais%20amada.> Acesso em 26/01/2023.

<sup>8</sup> BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1tm/2> Disponível em: 26/01/2023.

Em face disso, o Novo Testamento apresenta a novidade na vida do homem e da mulher. Entende-se, que a partir de Jesus Cristo, novas perspectivas se abriram para as mulheres, já que Ele ofereceu várias oportunidades aos seres humanos de participação ativa na obra de Deus, inaugurando uma nova história para a humanidade e rompendo com as distinções entre judeus e gentios, homens e mulheres, leigos e sacerdotes (ROSA, 2010). Por meio da salvação em Jesus Cristo se inaugura a nova criação. Neste sentido, a comunhão com Deus é restaurada por meio da fé, da justificação e salvação mediante Jesus Cristo. Neste cenário, a salvação é ofertada para todos, pois, Deus não faz acepção de pessoas. Tanto homens como mulheres farão coisas maiores no nome de Jesus Cristo. Como afirma Jesus no texto de João 14.12-14:

Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai. E eu farei o que vocês pedirem em meu nome, para que o Pai seja glorificado no Filho. O que vocês pedirem em meu nome, eu farei. (João 14:12-14)<sup>9</sup>.

Soupa (2019), ressalta que um dos pontos-chaves do cristianismo, foi justamente a linda história entre o ministério de Jesus e o ministério das mulheres, sendo semelhante à relação entre Moisés e a sarça. De acordo com Soupa:

É uma sarça que arde e não se consome. As palavras que eles dizem entre si são todos gravetos que crepitam, e o fogo que se acende irradia de luz e calor nas páginas dos Evangelhos. E, do lado de cá, nós também vamos chegando perto, com as sandálias desamarradas, isto é, conscientes da grandeza que está em jogo. (SOUPA, 2019, p.41).

Há algo diferente no ministério das mulheres, uma luz que irradia na comunhão com Deus. Desta forma, as mulheres assumiram os grandes papéis nos evangelhos. Jesus chamou para si, a mulher encurvada para dentro de uma área onde apenas os homens tinham acesso para adorar (conforme Lucas 13. 10-13). Além disso, impôs as mãos sobre ela, desfazendo todos os preconceitos judaicos e causando aos legalistas, uma violação religiosa ofensiva, além de provar que não teve atitudes discriminatórias às mulheres. Neste único encontro, ele validou cinco regras da tradição religiosa judaica que desmoralizavam a mulher:

Ele falou com a mulher em público (considerado ilícito); permitiu que ela entrasse na sinagoga em uma área destinada a homens (invasão de domínio sagrado); chamou-a para ir a área restrita ao orador (considerado profanação de um lugar sagrado); tocou na mulher em público (grave delito contra a lei religiosa) e curou publicamente no sábado (violação a cultura judaica).

Além disso, ao falar com a mulher samaritana no poço de Jacó, ele repudiou toda a intolerância discriminatória contra as mulheres (ROSA, 2010). Após a ascensão de Jesus, um

<sup>9</sup> BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/nvi/jo/14/12-14> Acesso em: 26/01/2023.

grupo de pessoas se reuniram em Jerusalém. Neste grupo destacam-se algumas mulheres, entre elas, Maria, a mãe de Jesus. A Bíblia relata também que a casa de Maria, mãe de João Marcos, era utilizada para reuniões da igreja de Jerusalém, sendo, inclusive, usada para a soltura de Pedro (CHAMPLIN, 2014).

Nesse contexto sobre o ministério feminino, cabe mencionar sobre a recomendação para as mulheres estarem caladas nas reuniões (conforme 1 Coríntios 14.34-36). Essa recomendação tem sido interpretada como se houvesse um preconceito dos apóstolos ao gênero feminino. Porém, Champlin (2014) pontua que essa recomendação, era para evitar que essas mulheres crentes fossem atacadas injustamente, haja vista que elas estavam submissas a lei em vigor na época. Trata-se do cenário cultural da época.

De acordo com Champlin, o papel das mulheres na epístola paulina se destaca:

[...] embora as instruções de Paulo acerca das mulheres, possam parecer um tanto severas, não devemos esquecer que ele falava para uma geração que tratava as mulheres com maiores limitações e imposições, e ele não queria que as mulheres crentes fossem consideradas levianas. (CHAMPLIN, 2014, p.396).

Ressalta-se que nos relatos de Paulo há o cuidado ao mencionar as mulheres, enfatizando nas epístolas finais aos Romanos, os seus nomes, e a importância de seus trabalhos, inclusive junto a seu ministério. Portanto, sobre as mulheres estarem caladas é uma questão cultural.

## 2.1. Febe

Febe vem do nome grego, "*Phoibe*". Tendo o significado de brilhante. Ressalta-se que ela tinha um ministério na igreja em Centréia, e era tratada por Paulo como irmã e serva, termo igualmente usado para "diaconisa". Pode-se entender que Febe exercia o ministério feminino como diaconisa. Dessa forma, Paulo no texto de sua carta, pede para que os irmãos a ajudem de todas as formas possíveis, demonstrando que ela tinha um trabalho específico desempenhado na igreja (conforme Romanos 16.1). (GARDNER, 2010).

Há uma possibilidade de ela ter sido também mercadora ambulante e que, por essa razão, de acordo com Chaplin (2014), Paulo teria convocado Febe para que ela fosse a portadora da carta aos Romanos, pois, a sua função como diaconisa indicaria uma posição oficial, similar a dos diáconos. Paulo considerou Febe um "socorro" para muitos, inclusive, para si próprio. A palavra grega *prostatis* significa protetora, sugerindo que ela era uma mulher rica e que cuidava das necessidades das pessoas menos favorecidas. (PFEIFFER, VOS, REA, 2013, p.781).

## 2.2. Priscila

Priscila é apresentada nos escritos do apóstolo Paulo pelo seu nome formal, Prisca, um nome grego que significa pequena idosa senhora. Ela é citada, frequentemente, com o seu marido Áquila, quando apresentados no livro de Atos. O casal judeu possuía a profissão de fabricar tendas, e é citado por seis vezes, mas, em quatro destas ela é citada em primeiro lugar. Estudiosos entendem essa questão como forma de Áquila ser de uma classe inferior a Priscila, já que a mesma pertencia a uma família nobre romana. Em 1 Coríntios 16:19, Paulo cita que a igreja também se reunia na casa deles, porém, cita Priscila depois de Áquila. Neste sentido, Gardney (2010) ressalta, com base em alguns estudos, que há a coincidência do ensino de ordem no relacionamento entre esposo e esposa pelo apóstolo Paulo.

A esse respeito, Champlin destaca:

Áquila e Priscila tinham uma congregação que se reunia em sua casa, quando foi escrita a primeira epístola aos crentes em Corinto. É fora de dúvida que desse centro o evangelho se propagou a outros lugares, e em parte, a igreja cristã de Éfeso se tornou poderosa, assim fazendo daquela congregação local um centro do cristianismo. (CHAMPLIN, 2014, p.247).

Áquila e Priscila contribuem para propagar o Evangelho do Reino de Deus. Ressalta-se que Priscila tem um papel importante na história da igreja.

## 2.3. Maria e Perside

Maria era conhecida como Maria de Roma, tendo sido citada e saudada pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos, juntamente com vinte pessoas. Em tal citação Paulo refere-se a Maria e a Perside. Kuyper (2021), destaca que para alguns teólogos, trata-se de duas evangelistas, que proclamavam o Evangelho por meio do contato pessoal, porém, outros teóricos consideram que elas atuavam com o ministério de hospitalidade aos que propagavam o Evangelho. O autor ressalta ser provável que estas mulheres não tenham feito pregações do Evangelho de forma direta ao público, já que seria duvidoso Paulo ter considerado dignas de louvor. De acordo com Kuyper:

O serviço de Maria de Roma pode ter diferido daquele de qualquer uma das outras Marias que vimos, mesmo assim foi extremamente útil para congregação de Deus. E uma forma de servir é evitar que a influência pessoal prejudique a causa de Cristo. (KYUPER, 2021, p.262).

#### 2.4. Trifena e Trifosa

Trifena e Trifona vem do grego *Tráphaina* e significa “dengosa”, já *Truphōsa* tem o significado de “delicada”. São nomes com a mesma raiz em grego que significa “viver no luxo”. Estas duas mulheres trabalharam juntas em Roma. Supõe-se que eram irmãs gêmeas ou parentes bem próximas, já que era comum nomear membros da família por derivações da mesma raiz. (GADNER, 2010). Para Champlin (2014) é possível que elas fizessem parte da casa de Cesar, ou seja, pessoas que faziam parte da corte real e que haviam se convertido ao cristianismo. Paulo as denominou de pessoas que trabalhavam no Senhor.

#### 2.5. Julia

Julia, foi uma cristã que vivia em Roma, e recebeu uma saudação do apóstolo Paulo na carta aos Romanos. Para alguns estudiosos ela pode ter um parentesco com Filólogo, já que seu nome aparece ligado a ele na citação (GARDNEY, 2010).

#### 2.6. Irmã de Nereu

Nereu era um cristão que vivia em Roma e juntamente com a sua irmã foram saudados pelo apóstolo Paulo na carta aos Romanos (GARDNEY, 2010).

#### 2.7. Lóide e Eunice

Lóide e Eunice são, respectivamente, consideradas avó e mãe de Timóteo. Elas eram cristãs e dedicadas no trabalho. Kuyper (2021) salienta que, Lóide recebeu o honroso papel de avó, representando a influência espiritual em uma posição peculiar. Lóide era judia e convertida ao cristianismo, tendo ajudado na educação de Timóteo juntamente com a sua mãe. Paulo faz uma única alusão a ela de forma favorável e com respeito no Novo Testamento.

Com relação a Eunice, observa-se que o nome possui o significado de vitoriosa. Ela era a mãe de Timoteo e casada com um grego. Assim como Lóide, vivia em Listra e era dotada de uma fé genuína, somando-se a fé de Timóteo, através do testemunho de Paulo. (Pfeiffer, Vos e Rea, 2013).

Neste contexto do relacionamento e tratamento de Paulo com relação as mulheres, Soupa (2019) apresenta uma comparação entre Jesus e Paulo. Para a autora, Paulo tinha como

objetivo mostrar as consequências da fé na vida familiar e pública dos fiéis. Também tinha o propósito de auxiliar as comunidades para implantar as bases de sua organização, preocupando-se com os aspectos institucionais, assim como, quando necessário, analisava sobre o comportamento nas assembleias e a vida conjugal das mulheres. A sua cordialidade se mostra no início e no final de suas cartas, manifestando a afeição e o respeito tanto aos homens como as mulheres em seu ministério.

Já com relação a Jesus, a autora relembra o objetivo de Jesus revelado em suas palavras: converter os corações, fazendo desabrochar os desígnios de Deus, falando aos corações para estes se voltarem a Ele. Ao contrário de Paulo, Jesus não se aprofunda nas questões institucionais, embora, considerasse tais questões justificáveis, porém, no que concerne a questão matrimonial, Jesus denuncia a prática do repúdio que afetava as mulheres, demonstrando acolhimento sem nenhum pré-julgamento.

Os discípulos ficaram admirados ao ver Jesus conversando com a mulher samaritana. Em primeiro lugar, pelo fato de ser uma samaritana, já que os judeus não desenvolviam uma relação amistosa com os samaritanos. E em segundo lugar, um homem não devia conversar com uma mulher na rua, nem mesmo acompanhado de sua própria esposa, que dirá com qualquer mulher. Tais regras alicerçava a pouca importância que as mulheres tinham na sociedade judaica. (CHAMPLIN, 2014).

Ainda de acordo com Champlin, foi Cristo quem ressaltou o valor da mulher. Neste sentido, para o autor Nielson,

[...] ele entrou na história para salvar aqueles que romperam com a lei. Pela lei do Antigo Testamento, Deus estava revelando a si mesmo. A lei aponta, de forma implacável, para as verdades que Deus estabeleceu desde a criação: em particular, ao igual valor entre as mulheres e os homens criados como portadores da imagem de Deus, dignos de sua atenção, provisão e misericórdia. Em um mundo abarrotado de pecado e vergonha, leis [...] atendiam ao propósito misericordioso de restringir o pecado, protegendo e provendo as pessoas mais vulneráveis. E, com frequência, essas pessoas eram mulheres (NIELSON, 2021, p.134).

Analisando os escritos de Paulo, assim como, os registros dos evangelhos, pode-se notar uma diferença de posicionamento teológico entre Jesus e Paulo com relação ao significado e papel da mulher no ministério feminino. Entende-se que o apóstolo Paulo apresenta zelo pelas tradições judaicas que, conseqüentemente, originaram determinadas práticas no cristianismo no que se refere a presença da mulher e ao contexto em que ele desenvolvia o seu ministério. Porém, é importante perceber a grande e importante participação feminina no ministério do apóstolo, principalmente, no que se refere aos cuidados sociais.

continuado e acabado no tempo presente, por exemplo, na luta por salários dignos, contra o sistema patriarcal, preconceito até mesmo dentro da igreja, onde muitas pessoas, ainda hoje, não reconhecem o ministério feminino. A luta também continua na vida cotidiana, sendo necessário viver a liberdade que a Palavra traz, ao afirmar que a partir do batismo não existe diferença, somos apenas um/a em Cristo. (ULRICH, 2016, p.22)

Neste sentido, o movimento da reforma quebrou as superstições que, outrora, tinham se transformado em dogmas, abrindo o acesso as Escrituras Sagradas para todos: homens, mulheres e leigos. Deste modo, a reforma contribuiu para a participação ativa das mulheres na construção do pensamento reformado. Afinal, resgatou-se a doutrina bíblica do “sacerdócio universal dos crentes”. O que significa o sacerdócio oficial dos crentes? Significa que todos: homens e mulheres têm acesso direto a Deus, unicamente, por intermédio e sob a mediação de Jesus, e não mais de pessoas específicas pertencentes a um grupo denominado clero. Limpando a igreja desta preconceituosa e antibíblica adição humana, tanto homens como mulheres eram – e são – sacerdotes (e sacerdotisas, se formos usar o termo em português), bíblicamente autorizados a terem acesso a Deus. (SEMBLANO, 2012, p.8).

### **3.1. Catarina Von Bora – a primeira-dama da reforma**

Um dos exemplos de ministério feminino na reforma é Catarina. Ela foi uma freira alemã nascida em Lippendorf e criada em um convento desde os cinco anos de idade. Com o advento da reforma protestante, padres e freiras passaram a ir de cidade em cidade desenvolver o conhecimento bíblico. Em uma dessas idas, pregadores chegaram ao convento onde Catarina estava enclausurada, e após orientá-la sobre os textos de Martinho Lutero que ela já havia lido, eles tentaram tirá-la do convento sem êxito, pois, foram impedidos pela sua superiora.

Lutero foi avisado desse acontecimento e buscou estratégias para salvar Catarina e as jovens que lá se encontravam. Catarina sempre demonstrou firmeza em suas convicções. Tinha o seu posicionamento de se casar com alguém como Lutero ou melhor. Assim, casou-se em 27 de junho de 1525, sete anos após Lutero realizar a reforma. (SEMBLANO, 2012). Ela também tinha o dom de cuidar das pessoas. Recebia as pessoas em sua casa e as tratava de forma vital, ingênua e com trabalho árduo e muita energia. De acordo com Tucker,

Ela era uma “mestra de ervas, unguentos e massagens”. O filho Paulo, doutor em Medicina, não considerava sua mãe uma médica plena, mas, com metade do seu conhecimento, era melhor do que muitos dos médicos da época. Lutero, segundo alguns relatos, era o paciente mais adoentado da Reforma, e ela era sua primeira cuidadora. (TUCKER, 2017, p.109)



Ainda de acordo com Tucker (2017), Catarina não era o tipo de mãe tão presente. Ela se ausentava vários dias e até semanas, a fim de cuidar dos negócios das suas propriedades. Também destaca que, a relação de Martinho e Catarina não foi um caso amoroso e, sim, uma escolha que determinou toda uma história. Catarina era uma mulher forte, já Lutero era um homem mentalmente e fisicamente fraco. Em períodos depressivo, ele possuía instabilidade emocional. Catarina sendo também uma administradora, solicitou que iniciassem um negócio, que deu origem a um hotel, fazendas e terras. O casamento não foi por amor, mas eles se amavam.

### 3.2. Margarida de Navarra

Antes da reforma protestante, por influência da igreja medieval, as mulheres não tinham permissão de participar da liturgia pública. Calvino apesar das críticas recebidas, instituiu a participação das mulheres no canto de Salmos. Com o advento da reforma e a atuação de Martinho Lutero, as mulheres agora podiam orar, cantar, ler em casa, exortar outras mulheres e até mesmo pregar. Lutero apesar de reconhecer o ministério feminino, limitava a pregação e o pastorado às congregações apenas onde não houvesse ministros<sup>10</sup>.

Neste cenário, observa-se o ministério feminino de Margarida d'Angoulême Orleans e Valois Navarra, que nasceu em 1553. Ela tinha uma habilidade diplomática que a fez famosa entre os embaixadores na corte francesa. Margarida influenciou o seu irmão Francisco a favorecer a reforma, ajudando os carentes, encorajando as pessoas em torno de si, e desenvolvendo grande influência na escolha dos altos cargos. Ela era hospitaleira e sua caridade maternal a transformaram no refúgio dos reformadores, além de sua consideração ao pobre. Visitava os sofredores, enviava os seus próprios médicos para visitar os enfermos e fazia doação de dinheiro aos súditos carentes. Além disso, recebia estranhos para jantar em seu palácio oferecendo petiscos de sua própria mesa, e realizava várias obras de caridade. (ALMEIDA, 2010).

Margarida era uma mulher muito inteligente, culta e que gostava de estudar temas teológicos. Ela escrevia contos apontando para os valores morais cristãos e usava isso como recursos para aproximar as pessoas do Evangelho. Colocou os seus bens a serviço do

---

<sup>10</sup> PROJETOREDOMAS. **Margarida de Navarra e a participação feminina na Reforma Protestante.** Disponível em: <http://projetoedomas.com/margarida-de-navarra-e-a-part-fem-reforma-protestante/> Acesso em 06/12/2022.

Evangelho, levando pregadores itinerantes por diversas cidades e providenciou abrigo aos companheiros de Lutero que haviam sido presos. Acolheu o próprio João Calvino quando ele precisou fugir da França como refugiado e foi para Genebra, devido às perseguições impostas pela liderança da Igreja Católica e, conseguiu o perdão da pena de Calvino junto ao governo da França (RIBEIRO, 2019). Semblano ressalta sobre Margarida que,

Poucos anos depois, em 1542, recolheu-se à sua terra, onde continuou escrevendo até que, em 21 de dezembro de 1549, faleceu, aos 57 anos de idade. E, ainda que não assumisse oficialmente a doutrina reformada, foi uma das maiores defensoras do protestantismo em terras francesas, protegendo teólogos e pregadores reformados assim como a propagação dos escritos de Lutero, Calvino e Zwinglio, mesmo diante das ameaças do poderoso clero católico-romano e sua ordem pela censura plena a tais escritos e ideias. (SEMBLANO, 2012, p.47)

### 3.3. Katherine Zell

Katherine Zell nasceu em Estrasburgo em 1497, e demonstrava interesse por assuntos ligados à Bíblia e à teologia desde a sua infância, o que era incomum às mulheres daquela época. Ela era escritora protestante e pacifista desde 1524, e escreveu o seu primeiro trabalho literário, chamado “Consolação”, para as mulheres de refugiados religiosos de Kenzingen Breisgau”. Neste trabalho ela pauta-se no texto de Isaías 49.15. Com o advento da reforma protestante, Katherine encontrou espaço para dedicar-se mais ao conhecimento teológico e a escrever. Envolveu-se com a causa reformada, abraçando a doutrina do “sacerdócio universal dos crentes” lutando arduamente pelo direito às mulheres para pregarem, participarem de debates públicos e escreverem.

Quando foi repreendida para permanecer calada, Katherine posicionou-se:

Vocês me fazem lembrar que o apóstolo Paulo disse às mulheres para ficarem em silêncio na igreja. Eu lembraria vocês das palavras desse mesmo apóstolo que em Cristo não há mais masculino ou feminino, assim como também sobre a profecia de Joel: ‘E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão’”. Concluindo esta mesma carta, registrou: “Não pretendo ser João Batista repreendendo os fariseus. Não tenho a pretensão de ser Nathan censurando a Davi. Quero apenas ser o burro de Balaão, castigando seu senhor (SEMBLANO, 2012, p.22).

Com a Guerra dos Camponeses em 1524, muitos fugiram para Estrasburgo, causando destrutura e aumentando a necessidade de cuidados causados pela fome e pelos ferimentos. Katherine passou a visitar os enfermos junto com o seu esposo. Ao constatar algumas falhas nos atendimentos aos pacientes não luteranos, ela apresentou um projeto e criticou os procedimentos através de um texto enviado à Câmara Municipal, também usou a Catedral de

Estrasburgo para formar um albergue temporário para aqueles que necessitavam independente de sua crença teológica.

Katherine passou a se envolver mais na hospitalidade, pouco se importando com as crenças dos que necessitavam de ajuda e suprimindo-os com o envolvimento da igreja. Foi duramente criticada e passou a ser perseguida por aqueles que a acusavam de aproveitar a morte do marido para se autopromover. De acordo com Semblano:

Quando a Câmara Municipal de Estrasburgo soube de seu comparecimento ao funeral de uma mulher anabatista, a repreendeu publicamente por sua postura como luterana, ainda que isso pouco fizesse efeito na vida de Katherine, que viria falecer poucos dias depois, aos 65 anos, demonstrando que, ainda que existam diferenças doutrinárias, o amor ao próximo deve estar acima das barreiras denominacionais, o que, diferentemente dos dias atuais, eram inflexíveis entre os protestantes em seus primeiros anos formativos após a libertação do jugo romano. (SEMBLANO, 2012, p.25).

### 3.4. Argula von Grunbach

Argula nasceu em 1492 na Alemanha e pertencia à nobreza da Bavária. Começou a escrever e ler muito cedo e aos dez anos foi presenteada pelo seu pai com um exemplar da Bíblia. Casou-se aos 24 anos com Frederico von Grumbach, e teve quatro filhos. Em 1529 ficou viúva, após três anos casou-se novamente com um conde protestante de quem enviuvou-se em 1935. Passou a se envolver com a causa reformada a partir de 1520 e passou a fazer contatos com reformadores. Tendo sido a primeira mulher a produzir panfletos para a reforma protestante, lutando arduamente pela causa luterana. Através de seu trabalho, apresentou a muitos sobre o direito de posse, leitura e interpretação das Escrituras. (SEMBLANO, 2012).

Com o seu conhecimento, mulheres podiam levantar-se em defesa da reforma e dos reformadores. Um bom exemplo é a da já citada Argula von Grumbach, que entrou em um debate sobre as novas heresias com um jovem professor da Universidade de Ingstadt. (ALMEIDA, 2010).

Argula lutava contra o preconceito do clero romano e da sociedade, e colecionava acusações. Até o seu casamento foi afetado, já que o seu próprio marido que trabalhava no governo de Dietfurt foi demitido por não conseguir impedi-la de escrever. Com toda a pressão e perseguição sofrida, seu marido a abandonou e ela passou a se responsabilizar com as dívidas deixadas por ele. Apesar disso, ela superou todas as perseguições continuando a produzir os seus escritos.

### 3.5. Marie Dentiere

Marie nasceu na Bélgica em 1495, ainda jovem ingressou em um convento agostiniano. Ao assumir um cargo de supervisora, passou a obter livre acesso a biblioteca, onde encontrou os escritos de Lutero. Ao se converter, aderiu a reforma e seguiu para Estrasburgo, onde encontravam-se outros protestantes. Casou-se em 1528 com o Reverendo Simon Robert e teve duas filhas, Marie e Jeanne. Ela ficou viúva em 1533, e então casou-se com o diácono Antoine Froment, com quem teve uma filha.

Marie Dentière desenvolveu um trabalho no convento das Clarissas com o objetivo de explanar-lhes sobre os textos bíblicos com base nas doutrinas reformadas, tendo também objetivo de integrar aquelas mulheres à sociedade e à liberdade de servirem a Cristo. Junto com o seu marido, escreveu a história da Reforma Protestante em Genebra: “Guerra e Libertação da cidade de Genebra”. Marie mencionava mulheres da Bíblia, como Sara e Isabel, e procurava revelar a condição da violência que as mulheres daquele período sofriam, cuja defesa se tornava, a cada dia, uma bandeira levantada por Marie.

Apesar de sua luta pelas mulheres, ao retornar a Genebra, percebeu que as mulheres continuavam o ministério feminino sem ter a oportunidade de pregar em público. Marie passou, então, a apresentar críticas às lideranças por assim o fazerem. Em 1539, ela publicou dois escritos que defendiam a participação da mulher na igreja e na sociedade, além dos direitos básicos, assim como, o direito de mulheres grávidas se casarem. (SEMBLANO, 2012).

## 4. O contexto feminino eclesiológico contemporâneo

Nos escritos bíblicos, as funções da mulher sempre apareceram subordinadas às funções do homem, porém, quando a condição é voltada à capacidade e à espiritualidade da mulher, não é possível dizer o mesmo. Embora, alguns defendam que, devido a igualdade espiritual, a mulher pode também assumir funções ministeriais, há os que interpretam e concordam com a posição do silêncio feminino, já que nem o Antigo Testamento nem mesmo o Novo Testamento mencionam sobre a ordenação de mulheres.

Para Champplin (2014) o crescimento de igualdade espiritual não justifica a similaridade de funções dentro do ministério, pois, de acordo com os ensinamentos de Paulo, se as mulheres não poderiam falar nas igrejas, como seriam ordenadas ao ministério?

Sendo assim, uma opção seria a ordenação de mulheres para ofício secundários, como, por exemplo, o diaconato, justificando que na igreja primitiva havia diaconisas. Contudo,

estudiosos conservadores ainda encontram dificuldades de defenderem a ordenação de mulheres a ofícios ocupados por homens com base na interpretação das Escrituras. Já os liberais não se sentem presos nem as Escrituras, nem mesmo as tradições, entendendo que isso tem limitado o potencial do serviço e da posição da mulher na igreja.

Embora, haja grandes diálogos sobre as questões de gênero, sexo e sexismo, Nielson (2018) enfatiza que é preciso se atentar em como Deus nos vê como homens e mulheres, ou seja, o que ele pensa a respeito das criaturas masculinas e femininas, já que a maioria das promessas de Deus não é específica a um gênero e, sim, todos são chamados a amar e a confiar nEle. Alencar (2019), observa que, apesar, de nos registros de Atos as mulheres não serem as primeiras, elas recebem a presença do Espírito Santo no mesmo instante que os homens, indicando uma paridade. No entanto, elas foram as primeiras a falar em línguas no movimento pentecostal no Brasil e nos Estados Unidos.

Sem dúvida, a relação de gênero dentro das igrejas ainda é algo que gera grandiosas discussões. Hoje, com o fortalecimento do feminismo, e da teologia feminina muito tem se questionado e lutado pela inclusão e a valorização da mulher no contexto eclesiástico. Certamente, tal discussão ainda haverá de gerar mais conteúdo e posicionamento relacionado a participação mais ativa das mulheres dentro do contexto eclesiástico

De acordo com Nunes (2006) as discussões vão além disso, ao passo que as reivindicações também dizem respeito ao acesso as funções eclesiásticas como sacerdócio e o pastorado. A autora enfatiza que o discurso teológico possui forte influência nas ideias feministas, inclusive, reivindicando revisões e novas interpretações dos textos bíblicos. Para ela, “as religiões, assim como, os estudos que tentam compreendê-las e explicá-las, sofreram, nas últimas décadas, de maneira significativa, os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento”.

Nielson (2018, p. 53), enfatiza que o objetivo de suprir a necessidade do homem, foi a razão para a ordem na criação do homem e da mulher, além disso, estabelecer ordem na humanidade. A intencionalidade da ordem de Deus nos primeiros cinco dias da criação nos prepara para encontrar significado na ordem do sexto dia. [...]. Vemos o homem andando a frente e sozinho em diversas responsabilidades. [...]. Curiosamente, é o homem que Deus diz, inicialmente, para deixar pai e mãe a fim de se unir a sua esposa – e não o contrário. Ao homem, são dadas as instruções, e ele é posto para trabalhar, então, a mulher se reúne a ele como auxiliadora.

Neste sentido, o contexto eclesiástico atual, tem se deparado com uma grande discussão no que se refere a participação de mulheres em situações de lideranças na igreja. Pode-se

entender que parte disso, se dá também a influência feminista que questiona a igualdade de posições não só em áreas profissionais, como também nas funções eclesiásticas. Muitas religiões têm sido impactadas com esse posicionamento oriundo do pensamento feminista. No mais, pode-se observar que a inclusão e a valorização da mulher têm sido confundidas com suas funções e posições eclesiásticas. Entende-se que há um desenvolvimento de um preconceito relacionado ao gênero no decorrer da história, relacionado a culturas e interpretações, porém, é necessário pontuar e compreender até que ponto essa valorização pode ser benéfica quanto ao desenvolvimento dos trabalhos eclesiásticos.

A mulher muito pode ser valorizada e desenvolver o seu trabalho no Reino de Deus, porém, é importante definir-se a sua participação como parte de um corpo, ou apenas assumir posições como militantes de uma ideologia.

## 5. A participação das mulheres na Igreja Assembleia de Deus

A igreja Evangélica Assembleia de Deus através de documentos, comprovam uma vasta participação de mulheres no desenvolvimento e crescimento da igreja. São diversas as atuações do ministério feminino, entre elas estão: a realização de trabalhos de Círculo de Oração, Evangelização, Ensino da Bíblia nas Escolas Dominicais, Música, Missões, Obra social e em algumas situações assumindo a direção das igrejas.

Para Araújo (2012, p.9) “o trabalho feminino nas Assembleias de Deus, tornou-se um dos principais temas da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus, realizada na AD de Natal (RN) em setembro de 1930”.

A história das Assembleias de Deus iniciou-se com a vinda de dois missionários suecos ao Brasil, em 1910, Daniel Berg e Gunnar Vingren e suas respectivas famílias. Ambos pertenciam a Igreja Batista de Belém, mas, tiveram a experiência pentecostal, originando, então, a fundação: Assembleia de Deus. O desenvolvimento pentecostal assembleiano contou com a grande participação feminina, seja das esposas dos pastores e das esposas dos missionários, assim como, das mulheres solteiras conforme se verifica no relato abaixo:

Contanto o período de 1910 a 1976, somaram-se incluindo as esposas, 64 missionários da Missão Livre Sueca que atuaram no Brasil. Foram 19 casais com seus filhos, 20 mulheres e seis homens solteiros. Somando a quantidade das esposas com a de missionárias solteiras, temos um total de 39 mulheres, ou seja, 56,5% da força missionária sueca no Brasil. (ARAÚJO, 2012, p.11).

Alencar corrobora com tal registro, visto que, segundo ele, "o período de maior participação e melhores oportunidades que as mulheres tiveram nas ADs foram as primeiras décadas" (2019, p. 118).

Cabe mencionar que, Gunnar Vingren era um grande defensor do ministério feminino, ao ponto de separar a primeira diaconisa das Assembleias de Deus no Brasil, Emilia Costa. Com isso, enfrentou grande oposição por parte de seu companheiro de liderança, Samuel Nyström, causando, inclusive, a separação de ambos e um conflito na Convenção de 1930. A partir deste evento, passou então a se permitir a presença das esposas de obreiros e missionários nos estudos bíblicos, porém, as ministrações eram realizadas pelos obreiros. Em 1990, foi criada, então, a UNEMAD (União Feminina de Esposas de Ministros das Assembleias de Deus) que, atualmente, é realizada paralela as convenções gerais.

Araújo (2012), observa que em todas as igrejas, independente de cargos e títulos, há mulheres extremamente envolvidas na execução do trabalho, pois, elas sentem ser o que Deus lhes confiou. Gunnar Vingren entendia a valorização da participação das mulheres e defendia que deveriam ter mais responsabilidades e liberdade nas atuações. Para ele, Deus chamava homens e mulheres para o serviço do evangelho. Ele próprio havia conhecido o evangelho através da pregação de uma mulher, além disso, foi instruído acerca do Espírito Santo através de outra, assim como, o recebimento da oração. Para ele, a forma como nos portamos, pode impedir a ação do Espírito Santo.

Vingren tinha plena consciência do que defendia, já que a sua esposa, assim como, Sara Berg, esposa de Daniel Berg, eram ativas nos trabalhos eclesiais e enfrentavam restrições quanto às suas participações na igreja. De acordo com Fajardo, o propósito de Vingren era que "as mulheres teriam amplo espaço nas atividades ministeriais" (FAJARDO, 2015, p.110). No entanto, o seu projeto sofreu uma frustração com a chegada de Samuel Nyström, já que este, por sua vez, causaria a perseguição ao trabalho desenvolvido por Frida.

Araújo (2012) destaca uma declaração de Débora, filha de Daniel Berg, acerca de sua mãe, pontuando que apesar de não haver permissão à mulher para exercer atividades na igreja naquela época, Sara sempre procurou fazer a obra de Deus através dos trabalhos sociais. Frida, diferente de Sara, era ainda mais ativa, pois, além de exercer a função como escritora, também dirigia cultos, ensinava, pregava, tocava e cantava. Evidentemente, Frida foi o maior nome feminino da história das Assembleias de Deus. No entanto há outros nomes que contribuíram com a expansão da igreja no decorrer da história.

Alencar (2019), destaca dois nomes como símbolos femininos na história da Assembleia de Deus: Frida Vingren e Ruth Doris Lemos, porém, muitas outras tiveram grande contribuição neste contexto.

### 5.1. Frida Vingren (1890-1940)

Frida Maria Strandberg nasceu em 09 de junho de 1890, em Sjölevad, região norte da Suécia. Seu nome, originado da palavra nórdica frios, tem o significado de paz. Desde criança já sentia a chamada de Deus por meio de revelações e visões. Importante destacar que a participação de mulheres no movimento pentecostal sueco era ativa, já que depois de frequentarem a escola bíblica, estas mulheres eram enviadas em missão a lugares onde não havia igrejas. Dentre elas, participavam também mulheres com profissões como enfermeiras e professoras. Frida, já ciente de seu chamado, buscou desenvolver o seu ministério através dos estudos de cursos bíblicos. Foi ordenada missionária em maio de 1917, sendo denominada de *bibelkvinna*, termo usado para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas.

Seguiu sozinha ao Brasil com apenas 26 anos, em 14 de julho de 1917, onde se reuniu com outros irmãos conterrâneos, vindo a conhecer Vingren, posteriormente, com quem se casou em 16 de outubro do mesmo ano. Iniciou-se então a missão do casal de missionários Frida e Vingren. De acordo com Araujo,

O grande interesse de Frida era o trabalho com crianças, o trabalho social e, também o trabalho na igreja. Com os conhecimentos de enfermagem que possuía, ela também fazia o trabalho de parteira. Era então, o começo de sua longa e fiel atuação missionária juntamente com seu marido. (ARAUJO, 2014, p.42).

Frida Vingren era dotada de vários dons. Cantava, pregava, tocava, compunha canções, das quais vinte e quatro estão registradas na Harpa Cristã. Era escritora, tradutora e redatora além de dirigir os trabalhos em igrejas, praças e presídios (ALENCAR, 2019). Tantos talentos passou a incomodar a liderança da igreja onde servia.

Gunnar passou por processos de enfermidades, sendo assim, sua esposa deu continuidade as atividades ministeriais da igreja, inclusive liderando os obreiros. Conforme destaca Alencar (2019), citando trechos do diário de Vingren, sobre a participação ativa da esposa em seu momento de enfermidade:

Essa frase de Vingren diz muito: sua esposa de fato liderava os obreiros. E a frase do Macalão de que ela "tomou a frente" não por falta de líderes e obreiros, pois este



registro se refere ao período em que o casal vivia no Rio de Janeiro, onde passou a residir a partir de 1924. (ALENCAR, 2019, p.120)

Frida desenvolvia as suas atividades com galhardia e como consequência, passa a ser perseguida, e “boicotada, inclusive por seu conterrâneo Samuel Nystron, o mais ferrenho inimigo de mulheres no ministério” (ALENCAR, 2019, p.121). A sua posição diante das atividades exercidas, desenvolveram uma divergência de opiniões relativas ao trabalho da mulher na igreja, culminando na realização de uma Convenção em 1930, sendo uma das pautas sobre a atuação das mulheres na igreja, onde foi estabelecido que a elas se dessem a oportunidade de testemunharem, orarem, manifestarem os seus dons espirituais e só auxiliarem na ministração da palavra, ou direção de culto, em casos em que não houvesse pastores ou homens competentes para tal função.

Era notório que a desenvoltura de Frida e o desenvolvimento de seus dons, incomodavam a muitos, pois “foi incompreendida e demasiadamente criticada” (ISABEL, 2007 apud ALENCAR, 2019, p.124).

Importante destacar que antes da década de 30, “as mulheres tinham espaço, títulos, cargos e liberdade pra exercer o ministério” (ALENCAR, 2019, p. 126), prova disso que nas primeiras décadas, anteriores a 30, a igreja contava com 18 missionárias, sendo a maioria ordenadas evangelistas já na Suécia. Além disso, como foi mencionado, o próprio Vingren já havia separado a primeira diaconisa das Assembleias de Deus, a irmã Emilia Costa, motivo este que iniciou uma polêmica na liderança assembleiana.

Daniel pontua com destaque o trabalho de Frida ao lado do esposo, não por ser a companheira de Gunnar, mas, por ser vocacionada e preparada para tal missão:

Mesmo aqueles que criticavam sua forte presença no jornal[...], eram unânimes em reconhecer que ela era vocacionada para aquele trabalho e uma das mais bem preparadas evangélicas que já pisaram em solo brasileiro. (DANIEL, 2004 apud ALENCAR, 2019, p.124).

Sendo perseguida e boicotada pelos líderes da igreja, Frida continuou a desenvolver o seu trabalho no decorrer dos anos e influenciando mulheres até os dias atuais. Com o lento crescimento do desenvolvimento feminino dentro das igrejas, cresce-se naturalmente o interesse em conhecer mais sobre mulheres que desenvolveram os seus ministérios em tempos anteriores. Sendo assim, mais personagens femininos que participaram da história da igreja, são descobertos.

Frida viveu no Brasil por quinze anos, e viveu os últimos oito anos na Suécia realizando tentativas frustradas de retornar ao Brasil ou a Portugal através da Igreja Filadélfia. Em sua última tentativa, decidiu voltar por conta própria com seus filhos, porém, foi impedida e

encaminhada a uma delegacia e posteriormente ao Hospital Psiquiátrico de Konradsberg em 1934. Permaneceu em regime de internato até 1937, já que foi considerada portadora de distúrbios mentais.

A estes acontecimentos, Alencar pontua o seguinte posicionamento:

Considerando que uma viúva de quem lhe tomaram os filhos, hospitalizada compulsoriamente, abandonada e destituída de seus ministérios, vendo sua vida findando sem nenhuma perspectiva tanto na Suécia como no Brasil, enlouqueça. Era “louca” antes de ser hospitalizada ou se tornou “louca” posteriormente? (ALENCAR, 2019, p.159).

Frida falece em um domingo de 30 de setembro de 1940, segurando as mãos de sua filha. Foi sepultada no Cemitério Skogskyrkogarden, no mesmo túmulo onde seu esposo havia sido enterrado. Samuel Nystrom noticiou o falecimento de Frida no Jornal Mensageiro da Paz, em 1941 com a seguinte mensagem:

A irmã Frida tinha muitos talentos naturais, além dos que o Senhor especialmente lhe concedeu. Tinha faculdade de aprender, assimilar, e de se expressar, além disso retinha a sua originalidade; tanto a sua linguagem falada como escrita, tinha simplicidade e clareza, e sabia cativar os que a ouviam. [...] O seu zelo e dedicação ao Senhor, fizeram-na procurar poder que vem do alto, e de lá veio sua impetuosidade e firmeza nos trabalhos a que se dedicava, tomando-se um instrumento de benção para muitos. [...] A sua impetuosidade, algumas vezes, levou-a além do que era prudente e útil, naqueles momentos; [...] Ela ganhou muitas almas para Cristo [...] (ARAUJO, 2014, p.179).

## 5.2. Ruth Doris Lemos (1925 – 2008)

Ruth Dóris Lemos, nasceu em 1925, e chegou ao Brasil em 1951. Aos 16 anos recebeu a chamada missionária. Tornou-se jornalista profissional, teóloga, pianista, compositora, pedagoga, tradutora, pastora assembleiana dos Estados Unidos. Viveu no Brasil por 57 anos, onde junto com seu esposo João Kolenda Lemos, fundou o seminário teológico em Pindamonhagaba, o IBAD. Apesar de ter vindo dos Estados Unidos para exercer o seu ministério pastoral, e ser uma referência de exercício pastoral ao lado de seu esposo, ao chegar no Brasil, “foi negado seu título de pastora” (ALENCAR, 2019, p. 194).

No Brasil ela era conhecida como missionaria Doris, já nos Estados Unidos, quando estava em período de férias, ela era a pastora Doris. Exercia sua função com galhardia, lecionando e pregando e desenvolvendo homens e mulheres que hoje são grandes líderes no país. Trabalhou juntamente com o seu esposo na CPAD, atuando na parte literária das revistas infantis da Escola Bíblica Dominical e obteve participação no desenvolvimento do programa Voz das Assembleias de Deus. Além disso, acompanhada de seu esposo, se tornaram os primeiros comentaristas da EBD. (ARAUJO, 2014)

Faz-se notório o excelente trabalho e legado deixado por Doris Lemos, seja nas funções eclesiais como na vida dos que a tiveram por perto, como os “ibadianos” (alunos do IBAD), já que ela auxiliava de forma ativa na formação dos alunos. Porém, há similaridades e divergências com Frida Vingren, relacionadas ao posicionamento, conduta e aceitação ao trabalho feminino na igreja pelas lideranças de suas respectivas épocas.

A pastora Dóris se contentou com apenas a missão; Frida quis também o Ministério. Frida confrontou os homens; Doris se acomodou diante deles; Frida foi massacrada, rejeitada, excluída e, por fim, morta; Doris foi aceita e incorporada. Frida morreu aos 40 anos, abandonada em um hospital psiquiátrico; Doris com 83, junto do marido, filhos e amigos. Frida teve sua memória apagada; Doris tem história celebrada; Frida não serve como modelo de conduta; Doris, sim. [...] A pastora Doris é apenas um símbolo do que aconteceu – e ainda acontece – com milhares de mulheres oprimidas e renegadas à função inferior do que exerceram e foram, e são capazes. [...] Pastora Dóris foi tudo o que a Frida não foi: submissa e, principalmente, resignada; mas sobretudo, foi tudo o que a liderança da igreja mais desejou. Qual das duas, afinal fez o maior “bem” ou o maior “mal” para esta igreja, e em especial para si mesma? (ALENCAR, 2019, p. 197).

Alencar (2019), deixa claro que assim como Frida, Dóris também sofreu restrições por ser mulher, partindo da interpretação teológica que sugere que a mulher seja apenas a auxiliar do homem. Portanto, ela não poderia ter nenhum papel de destaque frente ao homem, pois, não poderia se igualar a ele. Frida, embora com tantas aptidões, não poderia exercer um ministério de ensino; Doris embora tenha exercido o ministério pastoral, não poderia ter o título. Ambas no mínimo, deveriam ser nomeadas de: “missionária, irmã, mas não pastora, pois isso a igualaria” (ALENCAR, 2019, p.197).

Desta forma, percebe-se que o paradigma social presente em outros âmbitos, também é presente na igreja, onde o reflexo do machismo coloca a mulher não em posição de igualdade, mas, de inferioridade trajada de submissão em relação ao homem. Sobre o trabalho de Dóris, o seu esposo Joao Kolenda Lemos relata:

[...]Tão grande era seu zelo e sua paixão pela obra missionária que ela se dispôs a abrir mão do título de pastora para junto comigo ministrar no Brasil, num contexto eclesial machista que ainda tinha um forte preconceito contra o ministério feminino. Mesmo sem credenciais oficiais pela igreja brasileira, ela pastoreou e mentoreou milhares de brasileiros e brasileiras e, mesmo após a sua morte, continua um paradigma ministerial para todos os que a conheceram. OS que foram discipulados por ela nunca poderão negar a legitimidade do seu pastorado, mesmo sem o reconhecimento institucional [...] (LEMOS, 2011, apud ALENCAR, 2019, p.195).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar o contexto histórico e o posicionamento feminino diante de suas atividades, principalmente, no âmbito eclesiástico, nota-se a importância da presença feminina na história. Ressalta-se que cada desenvolvimento feminino na sociedade, também se reflete na igreja. Por isso, esta pesquisa considera o viés histórico, eclesiástico e teológico do significado da mulher e o seu papel na história. Também se analisa o crescimento, assim como, as restrições relacionadas a atuação feminina na história e o trabalho feminino na igreja. As mulheres fortes, preparadas e vocacionadas, podem vir a ser limitadas por uma liderança de homens, que interpretam o texto bíblico de forma incoerente e limita, inclusive, o crescimento de trabalhos no ambiente eclesiástico.

Chama-se a atenção para o fato de que a atuação da mulher é de grande relevância no ambiente eclesiástico e é necessário que se trabalhe em conjunto com toda a igreja para que o trabalho feminino cresça ainda mais na igreja. Entendendo a dimensão do sentido da mulher e o seu papel na história da igreja, se voltou para uma reflexão desde Gênesis. Ao se analisar a obra de Gênesis, especificamente, os capítulos 1, 2 e 3, busca-se ressaltar a forma detalhada com que Deus criou o homem, e dele criou a mulher. Cabe mencionar que a mulher foi criada como ajudadora idônea do homem e também administradora da criação. A pesquisa enfatiza a necessidade de união entre o homem e a mulher. Ambos unidos, completam o plano perfeito da criação como administradores, que devem frutificar na terra.

No entanto, observa-se que no decorrer da história há diferentes interpretações e imposições de regras, com o objetivo de inferiorizar parte da criação de Deus, impedindo a liberdade, outrora, dada a ambos. O entendimento da limitação da liberdade de mulher e sua inferiorização acontece a partir da queda original, sendo que após a queda original, o ser humano faz as práticas do pecado aumentarem. Por isso, infelizmente, tais interpretações e posicionamentos foram se alastrando pela história. Consequentemente, isso trouxe resultados permanentemente negativos para o papel da mulher.

Vale ressaltar que o mesmo Deus que dá autoridade aos homens, também dá às mulheres, e capacita homens e mulheres da forma que Ele quer. O homem unido a mulher se faz uma só carne. Entende-se que Deus deu autoridade para mulher como ajudadora idônea na terra. Neste sentido, observa-se o intenso e lindo trabalho desenvolvido pelas mulheres citadas nesta pesquisa, que com galhardia, mesmo enfrentando guerras, restrições, não deixaram a chama de sua missão de esfriar. Embora, muitas mulheres tenham perdido os seus títulos de

ordenação outrora recebidos em outros lugares, elas não deixarem de desenvolver o trabalho para o qual foram chamadas.

Com relação ao ministério feminino, apresenta-se que há uma restrição quanto a participação e o amplitude do ministério feminino na igreja, assim como, compreende-se que, de certa forma, existe um cuidado com relação aos limites definidos para o desenvolvimento do trabalho feminino. Se antigamente as mulheres tinham que enfrentar as limitações na sociedade, e conseqüentemente, na igreja, hoje, observa-se uma busca de superar as limitações por meio do movimento feminista. As mulheres com chamado e vocação enfrentam as dificuldades com coragem. Portanto, ressalta-se a relação entre o papel da mulher, o chamado e a vocação ministerial como crucial para o entendimento do ministério feminino na igreja. Entende-se que o verdadeiro chamado independe de posições, títulos e ordenações. Como já se observou nos exemplos citados nesta pesquisa, muitas mulheres realizam grandes trabalhos, inclusive, há mulheres que determinam o futuro de gerações, mas, poucas delas levaram o título com honrarias, porque, o maior galardão preparado para estas mulheres está nas mãos de Deus, onde receberão no Grande Dia.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALENCAR, G. **Matriz Pentecostal Brasileira**. São Paulo: Recriar, 2019.
- ALMEIDA, R.S. **Uma voz feminina na reforma: a contribuição de Margarida de Navarra à reforma religiosa**. São Paulo: Hagnos, 2010
- ARAÚJO, I. **100 Mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- ARAÚJO, I. **Frida Vingren: Uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal** Edição 1995. Versão Almeida e Corrigida. São Paulo: CPAD, 2003.
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1tm/1> Acesso em 26/01/2023.
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/11> Acesso em 26/01/2023.
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2> Acesso em 26/01/2023.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1tm/2> Disponível em: 26/01/2023.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/jo/14/12-14> Acesso em: 26/01/2023.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica**. Tradução de Sylvia Marcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). **Juízes: a partir de uma leitura de gênero**. Tradução de Fatima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2001.

CESAR, M.C. **O grito de Eva: a violência doméstica em lares cristãos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

CHAMPLIN, R.N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2014.

CONEGERO, Daniel. **Quem foi Bate-Seba na Bíblia?** Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-foi-bate-seba/> Acesso em 26/01/2023.

CULVER, R.D; et al. **Mulheres no Ministério – Quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja**. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

DELLAZARI, R. **Uma colaboradora que lhe corresponda?** Teocomunicação, Porto Alegre. v. 37, n. 158, p. 552-570, dez. 2007.

DREHER, Carlos A. **O cântico de Debora - Jz 5: conflito social e teologia num episódio da história do Israel pré-estatal**. 1984. 178p. Mestrado em TEOLOGIA, São Leopoldo.

FURST, Renata. **De Josué a Crônicas**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. 127 p.

FAJARDO, M.P. **Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil Urbano (1946-1980)** 2015. 359f. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

GARDNER, P. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

KOCHMANN, S. O Lugar da Mulher no Judaísmo. **Revista de Estudos da Religião** n. 2. Pp.35-45, 2005.

KUYPER, A. **Mulheres da Bíblia**. Londrina: Livrarias Famílias Cristã, 2021.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos livros de Josué: Juízes e Rute**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1973.

NIELSON, K.B. **O que Deus diz sobre as mulheres: feminilidade x feminismo**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.

PFEIFFER, C.F, VOS H.F, REA, J. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

PROJETOREDOMAS. **Margarida de Navarra e a participação feminina na Reforma Protestante**. Disponível em: <http://projetoedomas.com/margarida-de-navarra-e-a-part-fem-reforma-protestante/> Acesso em 06/12/2022.

ROSA, A. **A mulher cristã e os desafios da liderança**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

SEMBLANO, M.L. **Reformadoras: as mulheres da reforma protestante**. Rio de Janeiro. Scriptura, 2012.

SOUPA, A. **Deus ama as mulheres?** São Paulo: Edições Loyola, 2019.

TUCKER, R. **A primeira-dama da reforma: a extraordinária vida de Catarina Von Bora**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

ULRICH, C.B. A atuação e a participação das mulheres na reforma protestante do Século XVI. **Estudos da Religião**. v. 30, n. 2. 71-94, maio.2016

WIKIPEDIA. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Micaia#:~:text=Micaia%2C%20Maac%C3%A1%20ou%20Maa%20foi,a%20sua%20esposa%20mais%20amada>. Acesso em 26/01/2023.